



LUIZ FERNANDO ALVES BECKER

**O SOFT POWER CHINÊS NO CONTEXTO
DO PLANO CINTURÃO E ROTA**

CANOAS

2021

LUIZ FERNANDO ALVES BECKER

**O SOFT POWER CHINÊS NO CONTEXTO
DO PLANO CINTURÃO E ROTA**

Trabalho de conclusão apresentado ao
Curso de Relações Internacionais da
Universidade La Salle - Unilasalle, como
exigência parcial para a obtenção do grau
de Bacharel em Relações Internacionais.

Orientador: Prof. Dr. Fabrício Pontin

CANOAS

2021

Para todos que sonharam meu sonho e acreditaram na sua realização, em especial ao meu avô, Victor Mello Alves, realizei por você.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, em especial, ao meu orientador. Fabricio Pontin, pelo tempo dedicado e pelo norteamento deste trabalho. Também, presto gratificações aos professores Anthony Okorochoa e Gustavo Henrique Feddersen, pelas contribuições materiais à pesquisa.

Agradeço à Universidade de São José de Macau, pelas experiências que me permitiram viver e que me despertaram a sede por entender a China.

RESUMO

Este trabalho tem como foco entender e analisar o *Soft Power* da República Popular da China e suas aplicações durante a viabilização e construção do projeto *Belt and Road*. Para tanto, serão estudados o plano e a estratégia chinesa de Cinturão e Rota, que teve seu início no ano de 2013. Previamente conhecido como “*One Belt One Road*” (“Um Cinturão Uma Rota”), o projeto ganha destaque mundial ao se caracterizar como “A Nova Rota da Seda”, interligando e projetando novas redes comerciais, alianças políticas e diplomáticas, através do globo. O potencial do projeto refere-se e expande-se através de seus esforços infraestruturais e de desenvolvimento, nas áreas de conectividade, informação e comunicação, mas também, traz à cena a possibilidade de uma nova ordem bipolar no sistema internacional, com o governo chinês e suas atenções voltadas para a formação e o fortalecimento de uma rede de aliados ou, até mesmo, de estados dependentes.

Palavras-chave: República Popular da China. *Soft Power*. *One Belt One Road*.

ABSTRACT

This paper focuses on understanding and analyzing the Soft Power of the People's Republic of China and its applications during the feasibility and construction of the Belt and Road project. To this end, the Chinese Belt and Road plan and strategy will be studied, which began in 2013. Previously known as “One Belt One Road”, the project gains worldwide prominence when it is characterized as “The New Silk Road”, linking and projecting new commercial networks, political and diplomatic alliances, across the globe. The project's potential refers to and expands through its infrastructure and development efforts, in the areas of connectivity, information and communication, but also brings to the scene the possibility of a new bipolar order in the international system, with the Chinese government and its attention focused on the formation and strengthening of a network of allies or even dependent states.

Keywords: People's Republic of China. Soft Power. One Belt One Road.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Mapa interativo da antiga Rota da Seda	10
Figura 2 – Iniciativa Cinturão e Rota	11
Figura 3 – Investimentos chineses em países do Cinturão e Rota 2013 – 1º semestre 2020 (milhões de U\$)	22

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
1.1 Pesquisa, objetivos e contextualização	11
2 O TRADICIONALISMO CHINÊS E SUA PRESENÇA IDENTITÁRIA DE UMA CHINA MODERNA	12
2.1 Filosofia e as escolas de pensamento	13
2.2 Identidade e objetivos.....	14
2.3 1,4 bilhões de tradicionalistas	15
3 CENÁRIO POLÍTICO E CONTEXTUALIZAÇÃO (SÉCULO XIX-ATUALIDADE) .	16
3.1 O primeiro trauma imperialista	16
3.2 A República e o caldeirão revolucionário	16
3.3 O segundo trauma imperialista.....	17
3.4 China Comunista de Mao.....	17
3.5 A abertura econômica e Deng.....	18
3.6 O século XXI (2000-2012).....	20
4 O PLANO CINTURÃO E ROTA	21
4.1 Todas as estradas/os corredores levam à China	23
5 VISÕES DO PROJETO	25
5.1 A nova Rota da Seda para o mundo	25
5.2 A nova Rota da Seda para a China	27
6 SOFT POWER E HARD POWER	28
6.1 <i>Hard Power</i> e <i>Soft Power</i>	28
6.2 <i>Soft Power</i> e as suas lentes ocidentais.....	30
7 SOFT POWER CHINÊS E O OBOR	31
7.1 <i>One Belt One Road</i> (OBOR).....	31
7.2 Milagre econômico	32
7.3 <i>Win-Win</i>	32
7.4 <i>Guaxin Xue</i>	33
7.5 <i>Know-how</i> ou <i>created in China?</i>	34
7.6 Confúcio para o mundo	35
7.7 Cicatrizes do imperialismo	35
7.8 Comitê de Condução à Civilização Espiritual e a Adaptabilidade	36
7.9 Um país, dois sistemas.....	36

7.10 5G e tecnologias.....	37
7.11 Rotas às universidades	38
8 CONSIDERAÇÕES FINAIS	38
REFERÊNCIAS.....	41

1 INTRODUÇÃO

Este artigo tem como objetivo entender e definir o *Soft Power*, que está sendo reproduzido pela política externa do estado chinês, por meio do projeto Cinturão e Rota, o qual se pretende referenciar, ao longo deste trabalho, pela sigla originalmente designada para o projeto, “*One Belt One Road*” (OBOR). Este *Soft Power* e suas implicações serão analisados com o intuito de entendê-los fora das vias tradicionais e ocidentais que foram estabelecidas ao longo dos anos no campo de relações internacionais.

Também será destacada a inexistência de uma teoria ou escola do pensamento de relações internacionais naturalmente chinesa. Como destacam Xueting et al. (2011, p. 252), ainda existe, no mundo acadêmico chinês, dificuldade e resistência, não somente em nomear uma teoria ou escola de pensamento como “chinesa”, mas também, de dar vida e forma a esta teoria. Assim, seria demasiadamente ambicioso tentar nomear ou definir uma teoria essencialmente chinesa no escopo desta pesquisa.

Se fazem presentes, ao decorrer destas pesquisas, algumas hipóteses que rondam as estratégias de *Soft Power* chinês, ao longo da última década, influenciadas pelo OBOR:

- a) as relações do estado chinês estão voltadas para a linha do Confucionismo, Legalismo e Tradicionalismo, e isso reflete no seu *Soft Power*, dentro das suas interações do plano Cinturão e Rota;
- b) o *Soft Power* chinês é independente da contextualização ocidental;
- c) a nova Rota da Seda é uma das principais transmissoras do *Soft Power* chinês.

Para atingir, de forma satisfatória, os objetivos gerais, este trabalho será regido por uma pesquisa explicativa, abordando conceitos como corredores econômicos, poder, hegemonia, interdependência, poder brando e poder duro.

O ambicioso projeto OBOR busca reconectar e modernizar as antigas rotas comerciais que interligam o Extremo Oriente, sul Asiático, Oriente Médio, África Oriental e Europa Mediterrânea. A importância destas rotas é evidente já que, ao longo dos anos, foram responsáveis pelo fluxo de pessoas, comércio de produtos e especiarias, possibilitando, assim, diversas trocas culturais entre estas regiões.

Observa-se, então, a tamanha expressividade cultural e histórica que as estradas, portos, cidades e mercados da antiga Rota da Seda carregam para a humanidade.

Nas palavras de Anthony Welch e Gerard Postiglione, por questão de dois milênios, as Rotas da Seda foram condutoras, não somente do comércio, mas também de ideias. As antigas rotas da seda foram um caminho para a propagação do cristianismo pelos romanos, assim como do islã pelos mercantes árabes, turcos e persas, a caminho da China, durante as dinastias Tang (618-907) e Song (960-1279) (WENDE, 2020, p. 140).

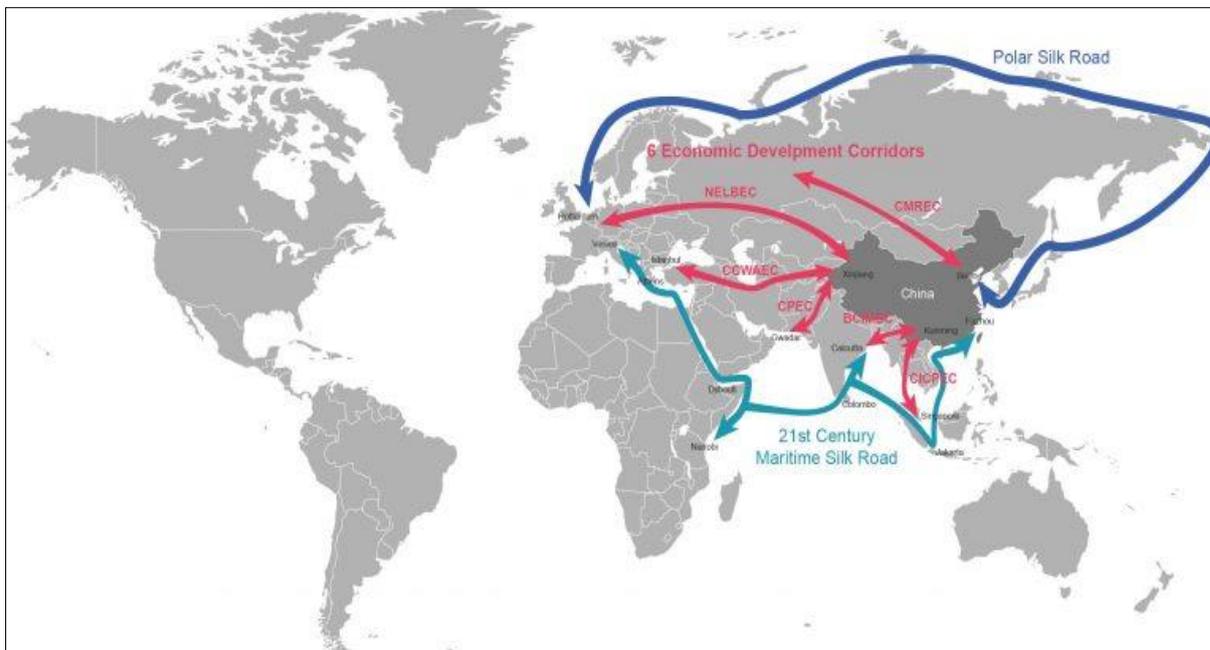
Figura 1 – Mapa interativo da antiga Rota da Seda



Fonte: Unesco (2021)

Ao buscar reviver e modernizar esta rota, o governo da República Popular da China (RPC) lança, em 2013, o plano “*One Belt One Road*” (“Um Cinturão Uma Rota”), onde a parte “Um Cinturão” (“*One Belt*”) faz referência às rotas terrestres que conectam os mercados e países alinhados do oriente aos mercados e núcleos consumidores europeus, enquanto a parte de “Uma Rota” (“*One Road*”) conecta portos em toda a extensão do sul Asiático, leste Africano, Oriente Médio e Europa Mediterrânea, aos principais portos chineses, estabelecendo, a partir de 2020, a possibilidade de uma rota marítima polar para o norte europeu.

Figura 2 – Iniciativa Cinturão e Rota



Fonte: Belt and Road (2018)

Mesmo sendo possível destacar algumas semelhanças entre as figuras apresentadas, em sua essência, o plano de Cinturão e Rota não pretende unicamente a propagação e o desenvolvimento de uma rota comercial a ser usada por diversos estados, conforme destacado no site oficial do projeto:

O esboço oficial da Iniciativa Belt and Road promove a formulação conjunta de planos e medidas de desenvolvimento para o avanço da cooperação transnacional ou regional entre os países envolvidos no BRI. Isso inclui a cooperação intergovernamental e o intercâmbio de macro política de multinível, mecanismos de comunicação e apoio político para a implementação de projetos de grande escala e a coordenação em políticas monetárias¹ (BELT AND ROAD, 2018, tradução própria).

1.1 Pesquisa, objetivos e contextualização

Para um melhor entendimento dos interesses e do desenvolvimento deste plano no cenário político internacional, bem como, de suas consequências para a aplicação, propagação e definição do *Soft Power* chinês, este trabalho tem como foco

¹ “The official Belt and Road Initiative outline promotes the joint formulation of development plans and measures for advancing cross-national or regional cooperation between countries involved in BRI. This includes intergovernmental cooperation and multi-level macro policy exchange, communication mechanisms and policy support for the implementation of large-scale projects and the coordination in monetary policy”.

interpretar, através de uma análise estratégica interna e outra externa, as reações e consequências do projeto OBOR.

Para tanto, esta pesquisa se divide, inicialmente, em:

- a) explicar o “tradicionalismo” e suas consequências para o estado chinês e seu povo;
- b) contextualizar e entender o atual estado socioeconômico da China no Sistema Internacional (SI) resultante dos últimos 180 anos;
- c) conceituar termos, como interdependência, poder, hegemonia, *Hard Power* e *Soft Power*;
- d) apresentar o plano OBOR;
- e) e, por fim, interpretar e fazer uma análise independente do *Soft Power* chinês e sua aplicação nas relações externas da China.

2 O TRADICIONALISMO CHINÊS E SUA PRESENÇA IDENTITÁRIA DE UMA CHINA MODERNA

Nesta sessão, será apresentado o tradicionalismo chinês, buscando, por meio de sua base e fundamentação, entender suas consequências para a formação de um pensamento cultural ou nacional chinês.

O tradicionalismo cultural chinês é estruturado, em sua base, por três aspectos:

- a) **o culto à ancestralidade:** fator que leva a aproximação do povo com sua história e remonta no cotidiano chinês a grandeza imperial, levando a uma maior proximidade com as lendas e mitos do passado;
- b) **a escrita:** que, como analisa Machado (2013, p. 27), “por um lado, a dificuldade da escrita dos ideogramas causou o fortalecimento de uma elite letrada; por outro, a formação de um sistema de pensamento baseado no aprendizado pela repetição dos caracteres (produzindo uma dinâmica de persistência e de cópia) até os dias de hoje, pois, embora os dialetos falados possam se diferenciar, a sua base permanece muito semelhante até hoje”. Neste ponto, é possível identificar uma fundamentação da base cultural atrelada ao desenvolvimento da elite e do estado chinês (já que os letrados eram, em sua grande maioria, elites e agentes do estado);

- c) **a figura de um estado centralizado**: que está constantemente presente no cotidiano do povo e é fundamental para entender o tradicionalismo chinês (MACHADO, 2013).

Para simplificar, os três pilares são dependentes e congruentes entre si para a relação de poder no tradicionalismo chinês. A escrita (manutenção e linguagem comum cultural) se converge ao estado e sua elite, que, através de seu domínio e poder centralizador, são capazes de definir e reviver sentimentos e objetivos nacionais comuns (seja por meio do culto à ancestralidade ou de sua história), os quais dependem do entendimento e aproximação da cultura ao pilar da ancestralidade, voltado para a restauração de um passado ligado à grandiosidade quase que lendária dos diversos impérios e dinastias chinesas.

Tendo este entendimento sobre a base do tradicionalismo chinês e sua relação com o poder, deve-se então buscar entender de onde emana este poder e sua estrutura. Para isso, avança-se até dinastia Zhou Ocidental, responsável pelo expansionismo e pela estrutura administrativa feudal do estado, levando a uma hierarquização patrilinear de cargos políticos, concentrado, assim, o poder em longas dinastias ligadas por sangue e presença masculina, dando um rosto familiar à figura do estado. Isso, se associado ao culto aos ancestrais, faz entender os fortes vínculos da sociedade chinesa com a autoridade estatal. Vínculos estes que, muitas vezes, são criados de forma tão semelhante, que acabam por se tornar uma complexa relação entre vida pública e privada de um indivíduo (MACHADO, 2013).

2.1 Filosofia e as escolas de pensamento

Outra grande influência que deve ser compreendida para a caracterização da figura do tradicionalismo chinês é a do Confucionismo. Esta é a base para boa parte da filosofia e da justificativa de poder do estado chinês que serão abordadas.

No seu cerne, “o Confucionismo busca por equilíbrio e harmonia, sendo uma filosofia muito mais materialista em comparação aos seus pares da época” (MACHADO, 2013, p. 33). Quando se observa a influência do Confucionismo nas relações de poder da China, enxerga-se a prática de obediência à autoridade naturalizada, seja nas relações familiares, de trabalho ou de estado, onde somente assim seria capaz de obter-se a ordem social e harmonia. Vale destacar também que, dentro desta filosofia, a ancestralidade tem papel fundamental para a busca da

harmonia, uma vez que Confúcio viveu durante a era de estados beligerantes e reverenciava a ideia de uma antiguidade harmônica do império (MACHADO, 2013).

Em contraponto ao Confucionismo, existe a corrente de pensamento do Legalismo, voltada para a linha da coerção e normatividade que o estado deveria impor ao indivíduo, para exercer poder e autoridade, trazendo uma visão do estado voltada para a hegemonia não harmônica (MACHADO, 2013, p. 36).

Estas filosofias e seus ensinamentos passam por ciclos de aceitação, rejeição e justificativa de poderes na China, há séculos. É possível observar seu resgate, até mesmo durante o último século, por meio da imposição de um estado centralizado e a unificação pós Era dos Senhores da Guerra (1916-1928), onde percebem-se períodos de harmonia e pacifismo e períodos de descontentamento e coerção.

2.2 Identidade e objetivos

Até o momento, foram identificados os conceitos e alicerces para o pensamento tradicionalista chinês, corrente de pensamento que está profundamente relacionada à atual identidade chinesa, a partir do que cita Machado (2013, p. 192), sobre a frase dita por um jovem em Pequim: "Minha face é moderna, mas meu coração é tradicional". É possível fazer a asserção de que esta fundamentação é relevante para entender o alinhamento de interesses entre o estado e o indivíduo chinês. Isto se dá pelo fato de já estar evidenciada a relação indivíduo e estado na sociedade chinesa e sua complexidade entre relações dos ramos públicos e privados. Logo, é válido definir, no caso chinês, que os objetivos e visão de seu povo são os objetivos e visão de seu estado e vice-versa.

É possível deliberar a identidade contemporânea chinesa como uma referência ao império Han, sendo resgatada por meio do projeto da Sociedade Harmoniosa², visto como grandioso e norteador para o futuro do estado e do povo chinês, já que compreende, de forma histórica, um período bem-visto na memória do país, marcado pelos anos de harmonia, hegemonia e glória da nação.

Os objetivos e interesses do povo chinês ainda estão, de certa forma, encobertos pela própria onda de transformações e mudanças sociais internas que foram retomadas na primeira década do século XXI, portanto, é preciso entender que,

² O projeto foi criado em 2006, a fim de escalar o crescimento econômico do país e conter o descontentamento social gerado pelos efeitos do milagre econômico chinês (FAN, 2006).

ao mesmo tempo em que essas mutações exerçam um papel de renovação e modernidade ao próprio estilo de vida do chinês, ainda coexistem com a identidade tradicionalista do indivíduo. Esta é a identidade do povo que, ao mesmo tempo que se apresenta e se firma com marcas, conceitos e cultura "moderna", se envolve e faz refletir as tradições e interesses milenares.

2.3 1,4 bilhões de tradicionalistas

Com estas informações, é possível observar o tradicionalismo chinês como um constante resgate de um passado grandioso. Este resgate é coordenado através de um estado por horas coercivo, por horas harmônico, com sua população, mas, em todos os momentos, presente e absoluto dentro dos vários níveis de relação do indivíduo (privados e públicos). A partir deste tipo de relação, é pertinente entender o indivíduo tradicionalista na China, já que o mesmo está extremamente conectado ao estado, seja através do trabalho, dos laços familiares ou de parcerias público-privadas.

Ao nível de indivíduo, este sendo formado dentro de um processo de repetição do aprendizado de nível mais básico, não se sente tão diferente de outros "tradicionalistas", identificando interesses e objetivos de bem-estar comum dos seus pares, independente da região ou distância. Isto conexo ao culto à ancestralidade, que vem buscando um passado em comum, faz o tradicionalista ver na figura do estado a centralidade harmônica e hegemônica, já que esta mesma figura centralizadora faz parte da construção cultural e social chinesa há séculos. É válido destacar, também, que esta estrutura, de certo modo, permeia entre os diversos níveis de relações, por conta dos ensinamentos de Confúcio, que vê, por meio da obediência e da conformidade, o caminho para a ordem (MACHADO, 2013, p. 33).

Logo, o indivíduo "tradicionalista", dentro de suas relações, busca a obediência à figura de autoridade, na harmonia e na ancestralidade venerável o caminho para o futuro, alinhando-se, assim, aos interesses do estado, que busca ser obedecido de forma hegemônica, estando disposto a reconstruir o que podem ser consideradas as grandes obras do seu passado e combater os traumas sofridos. Este estado já tem seu povo como subordinado às suas vontades, resta ao mesmo pôr em prática seu poder.

3 CENÁRIO POLÍTICO E CONTEXTUALIZAÇÃO (SÉCULO XIX-ATUALIDADE)

Nesta seção, será revisado e contextualizado o cenário político e socioeconômico em que a República Popular da China se encontra frente ao SI, através de uma revisão histórica; também, serão percebidos seus esforços e sua organização de agendas e políticas, internas e externas, para estruturar o que hoje se conhece como o plano de Cinturão e Rota.

3.1 O primeiro trauma imperialista

Algumas das experiências mais enraizadas e traumáticas na memória recente do país ainda são os eventos pré e pós à Guerra do Ópio (1830-1900), onde o protecionismo chinês e seu governo, já “débil”, cederam às potências imperialistas e à uma política de portas abertas, sofrendo diretamente com o imperialismo do século XIX. Assim, o que se sucede são décadas de caos e de conflitos internos (Rebelião Taiping e Revolta dos Boxers) e externos (perdas coloniais, Vietnã e Coreia).

3.2 A República e o caldeirão revolucionário

O caos inflamado levou ao fim da China Imperial (1911) e à instauração da República da China. Tal estado teve seus dias contados com a insurgência dos Senhores da Guerra, fator resultante da falta que um governo centralizado fez ao país.

Durante a curta existência da República (mesmo que dominada pelos Senhores da Guerra), tem-se um caldeirão de ideais ocidentais, liberais, republicanos, marxistas, radicais e revolucionários a ser fomentado. Isto leva ao surgimento do Partido Comunista Chinês (PCC), em 1921.

Os anos seguintes à fundação do PCC foram marcados, em grande parte, pela rivalidade entre Nacionalistas e Comunistas. Ambos os partidos tinham bases e influências leninistas (devido ao intercâmbio e apoio soviético na organização do novo estado chinês), demonstrando, assim, novamente a interferência externa dentro das mediações chinesas, mas também, viabilizando o debate anti-imperialista entre os partidos. Com o tempo, tem-se o acentuamento da antagonização entre os Nacionalistas e Comunistas, com a reformulação do Partido Nacionalista, após a morte de seu líder e, em seus ideais, o combustível necessário para levar ao conflito

aberto entre ambos, com políticas de terror contra o Partido Comunista, no final dos anos 20. Este evento teve como resultado a constituição de uma identidade e linguagem comum para o Partido Comunista Chinês (PCC), através de episódios como a Longa Marcha, a estruturação de uma base rural para o Partido Comunista e a ascensão de seus líderes, Mao Zedong e Zhou Enlai.

3.3 O segundo trauma imperialista

Somente foi possível uma trégua tensa entre os dois partidos, durante uma nova ameaça imperialista, a Segunda Invasão Japonesa (1937 a 1944), que também se torna um episódio extremamente traumático e enraizado na memória chinesa, devido ao Massacre de Nanquim e a brutalidade característica dos invasores.

A soberania nacional foi retomada após o fim da guerra. Porém, a diplomacia teve pouco espaço entre os dois partidos e, em 1949, retomou o conflito aberto entre os dois movimentos, que acabou por exilar os Nacionalistas para Taiwan, criando assim a República da China na ilha, sendo então fundada a atual República Popular da China no continente, pelos Comunistas.

3.4 China Comunista de Mao

As três décadas que compreendem o governo de Mao (1949-1976) podem ser analisadas por acontecimentos, tanto a nível interno, como externo.

Internamente, o governo de Mao é marcado por reformas revolucionárias, nos campos da cultura, economia e social, tendo como exemplos: a tentativa de ruptura com as raízes de pensamentos Confucionistas; a quebra com a estrutura hierárquica patriarcal; a criação de “campos de reeducação” para a oposição; as execuções e castigos dos dissidentes do partido (remontagem a linha de pensamento legalistas para o poder); a popularização da educação (quebrando assim com a elite letrada mas não com o modelo de ensino); a industrialização do país; a coletivização do campo; a Revolução Cultural; a criação dos planos quinquenais (estrutura de planejamento estratégico que rege as políticas de estado chinês até os dias atuais); além de uma

série de planos econômicos mal estruturados³, como “O Grande Salto Adiante”, que levaram à Grande Fome (1958-1962).

A nível externo, podem ser relatados: a aproximação e manutenção de relações bilaterais com a União Soviética (URSS); o posicionamento à esquerda global durante a Guerra Fria; a retomada do orgulho nacional chinês, por meio do suporte prestado à Coreia do Norte, durante a Guerra da Coreia (1950-1953); e, por fim, o rompimento com a URSS (1963), formando assim uma dualidade entre a esquerda global (Maoísmo⁴).

É possível destacar, em uma breve análise, que os eventos decorridos entre os anos de 1830 e 1970 influenciaram boa parte da base para o pensamento e o ideal de uma China moderna, em sua identidade nacional como: os traumas vividos pelo Imperialismo geram a total rejeição a ser novamente subjugada pelas potências externas; a ruptura com a URSS, é demonstrativo da busca por independência dentro do SI; já governos e figuras estatais enfraquecidas, que oportunizaram estes traumas, influenciaram ainda mais na necessidade de um estado sempre presente e autoritário; as tentativas de quebra com o Confucionismo levam a uma estrutura governamental do Partido Comunista Chinês ainda mais autoritária e centralizada, já que, de certo modo, apenas reestruturaram a veneração ancestral para eventos e figuras mais recentes como A Grande Marcha e a própria imagem de Mao; a difusão da leitura e da escrita entre a população, de modo geral, ajuda a espargir a antiga prática de aprendizado por meio da persistência, o que remonta a possibilidade de aproximação com o passado e o culto à ancestralidade, através da leitura e escrita dos logogramas Han, enquanto educa uma base da população amoldada pelo governo.

3.5 A abertura econômica e Deng

Com o falecimento de Mao (1976), teve início o governo de Deng Xiaoping (1977), que foi marcado pela ascensão da ala moderada do PCC ao poder e pelas reformas modernizadoras dos setores agrícolas, industriais, tecnológicos, científicos

³ Apesar de contarem com a adesão e o entusiasmo geral para a sua realização, os planos que visavam aumentar a produtividade e desenvolver a economia em larga escala (principalmente no setor agrícola) careciam de conhecimentos e agentes técnicos, já que boa parte dos intelectuais, técnicos e profissionais com experiência nos setores foram enviados aos campos de “reeducação” (MACHADO, 2013, p. 120).

⁴ O Maoísmo adapta e estabelece a base para o socialismo/comunismo de vias chinesas, garantindo assim um certo nível de independência ao país durante a Guerra Fria.

e militares. As reformas mais marcantes foram as econômicas, que deram início à abertura da economia chinesa ao mundo e, ao invés de criticar o enriquecimento material do indivíduo, passaram a valorizar o mesmo.

No entanto, tais avanços e a aproximação com ideais ocidentais se limitaram ao setor econômico. Eventos ligados à morte do líder da ala democrática do PCC levaram aos protestos estudantis de 1989, na Praça Celestial, e ao “Massacre de Tiananmen”. Este acontecimento reacendeu a realidade autoritária (pelo menos a nível externo) do PCC. Internamente, foi feita uma campanha de propaganda para apagar este acontecimento da memória da nação⁵, mantendo assim a imagem harmônica, por alguns momentos, porém, constantemente hegemônica e autoritária do partido entre o povo chinês.

A continuidade dada às reformas de Deng pela terceira geração de lideranças do PCC são resolutas para uma disparada na produtividade, enriquecimento e ascensão econômica das Zonas Econômicas Especiais (ZEEs), a instalação de empresas e fábricas multinacionais no território chinês, o início da urbanização, em conjunto com o crescimento demográfico dentro das ZEEs, e o crescimento médio do PIB a 10% ao ano (segundo o Banco Mundial). Com estes notáveis avanços, tem-se uma nova imagem da China, para as três últimas décadas do século XX, em contraste com a China revolucionária de Mao.

Dessa forma, é possível evidenciar, por meio das reformas de Deng, os seguintes pontos de que corroboram para o entendimento da face moderna chinesa: a legitimação do enriquecimento e empreendedorismo feita pelo Estado; o surgimento de uma classe urbana consumidora e empreendedora; o desenvolvimento produtivo do país que leva a prática do “*know-how*”⁶; a idealização de uma China moderada, disposta a negociar e a ter em seu solo a coalizão de dois sistemas discordantes entre si, porém, com o intuito de desenvolver mas ao mesmo tempo controlar a direção deste desenvolvimento.

⁵ O evento, mesmo sendo conhecido e repudiado mundialmente, ainda hoje é censurado pelo governo chinês, em todo o seu território. Tanto na internet, como em livros didáticos, não se encontram menções do ocorrido e é reprimido pela própria população, que não faz menção ao mesmo para as novas gerações (MACHADO, 2013, p. 131).

⁶ O “*know-how*” é uma prática usada para adquirir a maestria na confecção de um produto, onde, por meio da repetição do original e ou produção de cópias para o mercado, se obtém o conhecimento necessário para uma produção independente, similar ou aperfeiçoada, do bem em questão. Pode ser também observado em países como Coreia do Sul e Japão, durante a segunda metade do século XX.

3.6 O século XXI (2000-2012)

Para a quarta geração de lideranças do PCC, o desafio apresentado na primeira década do século XXI é muito mais voltado para a construção da imagem de uma China moderna, a partir do conceito “*made in China*”, termo que é introduzido pelo potencial produtivo do país, fortalecido nas últimas décadas do século XX. É possível observar esta reestruturação a partir da análise de Philipp Moser, “Criado na China” (MACHADO, 2013).

Em cerca de vinte anos, a China assumiu o primeiro lugar do ranking de registros de marcas e de desenhos industriais, além de primeiro lugar em pedidos de patente e de modelo de utilidade. Este crescimento da inovação na indústria chinesa foi impulsionado por empresas, como, por exemplo, a Haier (MACHADO, 2013, p. 162).

Esta passagem do “feito na China” para o “criado na China” remonta ao potencial tecnológico e a reformulação da indústria chinesa, para também contemplar os setores internos de inovação, tecnologia e comunicação, criando, assim, marcas nacionais, que possibilitam ao mundo o consumo de produtos pensados, desenhados e produzidos na China, como Xiaomi e Huawei.

Ainda na primeira década do século XXI, aconteceu a escolha de Pequim para sediar os Jogos Olímpicos de 2008. Esta oportunidade levou o governo da RPC a realizar investimentos bilionários na infraestrutura necessária para o evento, mas também, somaram esforços para apresentar o país para o mundo, por meio da modernização da região e da cidade de Pequim, por vias ambientais, tecnológicas e culturais, assim como, pela criação do “Comitê de Condução à Civilização Espiritual”, que buscava a adequação da conduta da população, por meio de multas e repressão, àqueles que praticassem atos, como, por exemplo, escarro, arrotos e fumar em locais fechados, conforme destaca o Relatório Oficial dos Jogos Olímpicos de 2008 (CHINA BEIJING COMMITTEE, 2008, tradução livre).

Os Jogos Olímpicos de Pequim deixaram um rico legado para o Movimento Olímpico e a sociedade chinesa. Para continuar este ímpeto e seguir com esta experiência de sucesso, o município de Pequim transformou os três conceitos dos Jogos Olímpicos de Pequim em ‘Pequim Humanística, Pequim Tecnológica e Pequim Verde’, com a esperança de continuar a espalhar o espírito olímpico e promover o desenvolvimento sustentável de Pequim e da China (CHINA BEIJING COMMITTEE, 2008, p. 289, tradução livre).

Tal ideal de adequação à modernidade, está longe de fazer referência a uma possível submissão, como destaca a pesquisadora Fernanda Ramone, em sua

entrevista ao Instituto CPFL⁷, está muito mais próximo de refletir a capacidade de renovação da qual o país dispõe do que qualquer linha de servilismo ao estrangeiro.

Esta onda de modernização abrangeu diversos níveis da sociedade chinesa, como a conversão do status do homossexualismo, que deixa de ser considerado doença (em 2001), a aprovação de leis que buscam melhorar as condições de vida de trabalhadores em setores que ofereçam periculosidade e insalubridade (Lei de Prevenção à Doença e Ressarcimento, de 2002), a fundação do conceito socioeconômico e o programa governamental “Construindo uma Sociedade Harmoniosa Socialista” (CSHS), que, em sua base, busca dentro da sociedade chinesa enfrentar as disparidades sociais, combater os vícios e adversidades ambientais causados pela industrialização e urbanização massiva e resgatar o pensamento Confucionista. Este pode ser tido pelo intuito de dar justificativa ao autoritarismo do PCC, em seu objetivo de resgate da moral e da harmonia, mas também, como um resgate cultural de uma das mais importantes linhas do pensamento chinês.

Em resumo, é possível, então, entender a China pré OBOR (2000-2012) pela sua procura por preceitos da própria ancestralidade e orgulho nacional, porém, estas orientações são vistas como guias e fundamentadores para uma China moderna, dentro de um ideal nacional, que surge como contraponto aos valores ocidentais que invadiam o país.

4 O PLANO CINTURÃO E ROTA

Estando próximos das contextualizações finais da pesquisa, agora é preciso visualizar a fundamentação do plano OBOR em si e o cenário que o torna possível, para que, então, seja possível determinar os seus entendimentos, interesses e análises, tanto internas, quanto externas.

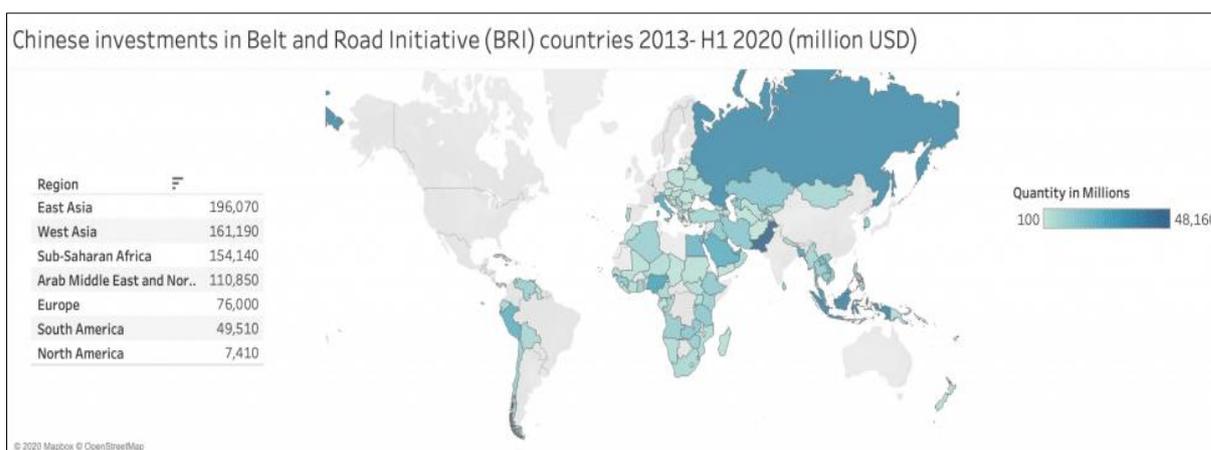
No ano de 2012, foi realizado o 18º Congresso do Partido Comunista da China, dando fim à quarta geração de lideranças (2002-2012). Como já evidenciado anteriormente, esta geração é marcada pelo rápido desenvolvimento tecnológico e econômico do país, mas também, é a principal catalisadora para o um movimento nacionalista e harmônico da sociedade (CSHS) (MACHADO, 2013, p. 168).

⁷ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=39hYk-QBDLY>. Acesso em: 27 abr. 2021.

É pertinente entender os desafios encarados pela quinta geração a ser empossada, sendo eles: a necessidade de sustentar e superar o crescimento econômico dos anos anteriores⁸; a necessidade de exportar a imagem de uma China independente e moderna, construída pela quarta geração⁹; e o resgate da grandiosidade do estado chinês.

O plano “Cinturão e Rota” é então idealizado pela quinta geração de lideranças do PCC (Xi Jinping), em 2013, como uma resposta aos interesses internos do país, mas também, fazendo uso do cenário externo, é possível identificar alguns eventos: o déficit de financiamento asiático em infraestrutura, de U\$ 26 trilhões, previsto até o ano de 2030, pelo Banco Asiático de Desenvolvimento; a expansão acelerada da OTAN; o crescimento de extremismos políticos pelo mundo; e a aproximação entre Estados Unidos e Japão, durante o governo Obama (2008-2016) (LEANDRO, 2018, p. 51).

Figura 3 – Investimentos chineses em países do Cinturão e Rota 2013 – 1º semestre 2020 (milhões de U\$)



Fonte: American Enterprise Institute (MAKIN, 2013)

⁸ O desafio de sustentação e superação aos crescentes indicadores econômicos do país estão relacionados aos saltos econômicos e à massiva classe média e consumidora chinesa, chegando a representar 68% da população, no ano de 2012 (BARTON, 2013).

⁹ Foram destacados, em vários momentos, fatos de superação chinesa frente às adversidades enfrentadas nos últimos dois séculos e sua capacidade administrativa para gerir a maior população do mundo, sendo estes: os efeitos do imperialismo (1830-1950); a reunificação e a retomada da autonomia sob o PCC; a retomada do orgulho nacional, por meio da Guerra Fria; o milagre econômico e a industrialização (1970-2000); o sistema independente, composto por duas bases antagônicas (“um país dois sistemas”); o desenvolvimento de tecnologias e marcas nacionais; o sucesso dos Jogos Olímpicos; e a reeducação de 1,4 bilhões de pessoas, por meio do programa governamental “Construindo uma Sociedade Harmoniosa Socialista” (CSHS) (2002-2012).

Estas fontes contribuem para o entendimento do cenário político externo, que acaba por favorecer a criação de projetos liderados pela China, voltados para o desenvolvimento da infraestrutura asiática e a aproximação entre estes estados, onde boa parte dos esforços do projeto estão concentrados, conforme é possível destacar pelos dados do International Institute for Green Finance (2015).

É possível caracterizar o OBOR como uma política de investimento entre estados a longo prazo, focada em desenvolver a infraestrutura regional e promover a integração econômica de seus participantes (BELT AND ROAD, 2018), sendo o seu esboço oficial produto dos órgãos chineses: Comissão Nacional de Reforma e Desenvolvimento, Ministério de Relações Exteriores e Ministério de Comércio (BELT AND ROAD FORUM FOR INTERNATIONAL COOPERATION, 2017).

4.1 Todas as estradas/os corredores levam à China

É preciso visualizar o plano OBOR, em seu desenvolvimento, como dois caminhos (o Cinturão Terrestre e a Rota Marítima), convergentes entre si, jamais de modo a separá-los, já que ambos os projetos existem a fim de se complementar, visando a integração entre as regiões adeptas do mesmo (BELT AND ROAD, 2018).

Para este setor da pesquisa, é essencial perceber o significado de um “corredor econômico”, já que este termo condiz com boa parte do projeto OBOR e suas etapas. Um corredor econômico pode ser entendido como uma iniciativa ou plano de desenvolvimento geograficamente focado, onde o fluxo de bens e pessoas, sua velocidade, constância e eficácia estimulam o desenvolvimento e crescimento econômico da região.

Para desenvolver um corredor econômico, seus acionistas/projetistas reconhecem a relação entre aperfeiçoamento infraestrutural e crescimento econômico e focam seus investimentos e esforços em desenvolver setores regionais de transporte, comunicação e energia ao mesmo tempo que áreas produtivas (indústrias) usam destes incentivos para se conectar aos grandes centros (urbanizados ou em processo de urbanização), onde então ocorre a troca de mão de obra, tecnologia e comércio pelo consumo e distribuição dos bens produzidos que novamente faz uso do desenvolvimento da infraestrutura da região para também escoar esta produção (PETRELLA, 2018).

O plano OBOR é composto por dois projetos de infraestrutura e desenvolvimento, baseados nas antigas rotas comerciais que ligavam o Extremo Oriente ao Mediterrâneo. O primeiro deles é o projeto de Cinturão Econômico da Rota da Seda (*The Silk Road Economic Belt*), que se constitui de seis corredores econômicos:

- a) o novo corredor econômico Eurasiano, que conecta a China à Europa por meio de projetos na região da Ásia central e sul da Rússia;
- b) o corredor econômico entre China Mongólia e Rússia;
- c) o corredor econômico entre China - Ásia Central - Ásia Ocidental;
- d) o corredor econômico China - Indochina;
- e) o corredor econômico Bangladesh - China - Índia - Myanmar;
- f) o corredor econômico China - Paquistão.

Já a segunda parte do projeto, é definida pela Rota Marítima, iniciativa que compreende duas rotas:

- a) **a Rota Marítima da Seda do século XXI:** que conecta portos da China a portos financiados, aprimorados e feitos pela iniciativa no Sudeste Asiático, Indonésia, Índia, Península Arábica, Somália, Egito a Portos Europeus;
- b) **a Rota Marítima Polar:** ligando portos chineses a portos do Ártico, esta parte do projeto ainda vem sendo desenvolvida e pensada, para complementar e desenvolver a participação da China nas relações da região.

Como é possível perceber, todas as iniciativas e rotas fazem ligação direta com portos, cidades e zonas produtivas da China. Suas principais fontes de investimentos são, em sua grande maioria, fundos e bancos chineses, como o Banco de Desenvolvimento Agrícola da China, Banco de Desenvolvimento da China, Banco de Exportações e Importações da China, Banco Agrícola da China, Banco da China, Banco de Obras da China, Banco Industrial e Comercial da China, Corporação de Investimentos da China e o Fundo da Rota da Seda. Enquanto isso, instituições financeiras internacionais e regionais independentes que participam deste projeto são uma minoria, sendo elas: Banco de Desenvolvimento Asiático, Banco Asiático de Infraestrutura e Investimento e Novo Banco de Desenvolvimento do BRICS (BELT AND ROAD, 2018).

Esta disparidade entre fontes e fundos para nutrir a iniciativa remarca a dominância chinesa sobre o projeto. Esta asserção deve ser reforçada pelas críticas

ao uso de corredores econômicos como ferramentas para domínio político, que oferecem riscos a países que já estejam em situações de débito e insustentabilidade fiscal, dando certa vulnerabilidade dos estados devedores frente aos seus credores, conforme destacado em estudo realizado pelo The World Bank (2019).

5 VISÕES DO PROJETO

Parte-se agora para a análise do plano OBOR, sob duas óticas, uma de modo estratégico interno e a outra sob a análise estratégica externa, para, então, entender o que se busca estabelecer a nível internacional pelo projeto e os meios pelos quais podem ser alcançados os objetivos da RPC.

5.1 A nova Rota da Seda para o mundo

A análise externa do projeto deve passar pela relação de interdependência a ser constituída, já que boa parte do projeto está ligada a este conceito e pelo entendimento da ascensão da China como potência e sua gradual tomada do poder, em um cenário de unipolaridade fragilizada da hegemonia no SI.

Inicia-se pela interdependência, conceito que, dentro das relações internacionais, refere-se a como as interações entre diferentes atores (principalmente estados) dentro do SI acabam por conectar estes mesmos, que, por meio de organizações, tratados, vínculos informais, entre outros meios de interação, promovem trocas de bens, capitais, informações e pessoas.

As principais asserções da interdependência complexa podem ser entendidas como as diferentes sociedades estão conectadas por diversos níveis de interação entre diferentes atores, a cadência na busca por hegemonia dos estados no SI, a interdependência complexa entre estados resulta no arrefecimento de conflitos e as oportunidades de conflitos por parte dos estados.

Já as questões de conexão, em diversos níveis, de Keohane e Nye (1989), podem ser assim divididas: interestatais, são as interações que podem ocorrer a partir de e entre agentes estatais (elite governamental), por meio de acordos formais ou relações informais; transgovernamentais, geralmente ocorrendo por meio de laços informais entre elites não governamentais; transnacionais, estas relações incluem grandes marcas, bancos e empresas multinacionais.

Para cada nível destas conexões, devem-se assumir diferentes conceitos: para interações interestatais, são mais básicas, já que assumem estados como agentes únicos de relações horizontais; para a asserção intergovernamental, deve-se assumir que os estados colaboram, aumentando assim os níveis de interdependência; e, para as conexões transnacionais, assume-se que os estados não são as únicas unidades, tomando a crença de que instituições e organizações não estatais também fazem parte destas conexões e relações.

A cadência na busca por hegemonia dos estados é justificada pela ausência de uma prioridade no empreendimento de força militar pelos estados. Enfim, é proposto que a interdependência complexa reduz possibilidades de hostilidades entre estados, já que o empreendimento de ações belicosas não é tido como prioridade em estados interdependentes.

Já para a visualização da ascensão chinesa como potência hegemônica no SI, é preciso entender a constituição de um mundo unipolar, sob a hegemonia dos Estados Unidos pós-Guerra Fria. Como destacam Keohane e Nye (1989), este cenário, sendo observado hoje, apresenta uma gradativa escalada chinesa, por meio de sua reinserção no sistema internacional, do abandono do isolacionismo e de suas façanhas econômicas e tecnológicas, que já foram abordadas neste trabalho.

Esta escalada e uso da interdependência por parte do projeto fica evidente quando se visualiza a aproximação da economia de países que fazem parte do OBOR (e, até mesmo, os que não fazem parte) com a economia chinesa. Os corredores econômicos fortalecem os laços entre os estados membros, bem como, o financiamento e a construção de novos portos, estradas e infraestrutura, de modo geral, por parte de empresas chinesas, leva à imagem exportada para os países participantes do projeto como sendo uma situação “*Win-Win*”¹⁰ (LEANDRO, 2018, p. 111).

É válido então interpretar que, do ponto de vista externo, o projeto se torna atrativo para estados com capacidades econômicas, produtivas, tecnológicas e, até mesmo, militares menores que a da RPC, visto que cria perspectivas de estabilidade, segurança e harmonia entre as regiões participantes, ao mesmo tempo que

¹⁰ Do ponto de vista econômico, uma situação *Win-Win* propagada pelo OBOR favorece os dois países participantes, já que, expressamente, debilita a busca de um país por autossuficiência e difunde a ideia de Divisão Internacional do Trabalho, favorecendo ainda mais conceitos de interdependência (ROSS, 2015).

desenvolve sua economia. Além de responder, em bom tom, aos constantes chamados do SI por uma maior responsabilidade e participação chinesa em questões relacionadas ao sistema econômico mundial (HUANG, 2017).

5.2 A nova Rota da Seda para a China

A análise estratégica, do ponto de vista interno do projeto, deve ser entendida pelas vias que esta pesquisa abordou em relação ao tradicionalismo chinês e a face moderna do país.

Parte das necessidades chinesas que levaram à criação do projeto OBOR, em 2012, estão ligadas ao cenário interno que se instaurou no país, ao longo das últimas décadas. Um destes cenários está ligado à sustentação da sua economia que, ao longo dos anos, se desenvolveu por causa da expansão de suas exportações e do investimento estrangeiro direto. Porém, este padrão de desenvolvimento econômico tem desacelerado nos últimos anos, o que pode ser entendido pela dependência voltada para o mercado externo, que, no contexto da criação do OBOR, passava por uma lenta recuperação, após a crise econômica de 2008 (MAKIN, 2013).

Enquanto isso, o mesmo modelo de produção intensiva em exportações torna-se, a longo prazo, inviável e defasado para a economia chinesa, já que é baseado no rendimento da “velha indústria”, que é extremamente dependente do mercado externo e que vem perdendo espaço gradativamente para a “nova indústria¹¹”. Esta lenta evolução para a “nova indústria” ainda não basta para dar o aporte necessário à economia chinesa, o que cria a necessidade por soluções que sustentem a “velha indústria” até que seja possível sua substituição.

Como já apresentado por essa pesquisa, todas as rotas e estradas ligam a China aos grandes polos consumidores do mundo, com a finalidade de dar suporte ao atual modelo chinês de produção de bens. Logo, entende-se que, por fortalecer economias e, conseqüentemente, mercados consumidores externos, o estado chinês está se beneficiando a médio e curto prazo, enquanto busca dar tempo para a “nova indústria”, que também se projeta e expande por entre países participantes do projeto (HUANG, 2017).

¹¹ A “nova indústria” pode ser caracterizada por empresas privadas chinesas, voltadas para os setores de consumo discricionário, serviços de comunicação e bens de consumo (ZENG; LUK; YAN, 2020).

Por fim, é possível analisar que, do ponto de vista interno, o OBOR é fundamental para a sustentação da economia chinesa, já que ajuda a reformular seu modelo econômico doméstico e, ao mesmo tempo, aproxima o país de economias emergentes regionais, que apresentam um enorme potencial como futuros mercados consumidores de produtos chineses e parceiros naturais do estado chinês.

6 SOFT POWER E HARD POWER

Após permear o tradicionalismo e cultura chinesa, entendendo os cenários internos e externos que levam à necessidade de um projeto das proporções do OBOR, tanto para a China, quanto para os países membros, busca-se identificar o motivo desse projeto ser tão relevante para a expressão do *Soft Power* chinês e como o mesmo se promove por meio do plano. Para tanto, é relevante entender o que é poder e diferenciar o *Soft Power* do *Hard Power*.

É possível usar a asserção de Nye, segundo o qual, “poder é a habilidade de influenciar as ações de outros, para obter os resultados que se deseja¹²” (tradução própria) (NYE, 2004, p. 2).

Entende-se, então, que o poder está diretamente relacionado aos interesses de determinado ator no SI e, também, à sua capacidade de direcionar outros a concretização de seus objetivos. Como já relatado nesta pesquisa, o estado chinês, do ponto de vista interno, é extremamente capaz de direcionar, alinhar e estruturar seus interesses, pelos diversos níveis de relação entendidos pela teoria da interdependência, já que até mesmo empresas, elites e agentes (não estatais) têm relações e cultivam em ciclos privados a aproximação com a figura do estado. O que facilita certa fluência dos interesses da RPC, por meio de seus “atores não estatais”.

6.1 Hard Power e Soft Power

Além do entendimento de poder, como sendo o quão capaz determinado agente é de concretizar seus interesses, é necessário o entendimento de qual via este agente se utiliza para expressar tal capacidade. Neste caso, será analisada as vias do *Hard Power* (Poder Duro) e do *Soft Power* (Poder Brando).

¹² “Power is the ability to influence the behavior of others to get the outcome one wants”.

Quanto ao *Hard Power*, entende-se pela capacidade coercitiva de um agente X a compelir ou incutir o agente Y em sua tomada de decisões. Isto ocorre por vias materiais, relacionadas às capacidades bélicas ou pelo poder econômico de cada agente. Estas vias são analisadas por Nye, respectivamente, como ameaças (bastões) ou recompensas (cenouras) e auxiliam no entendimento da influência tangível entre os estados do SI (NYE, 2004).

Já o *Soft Power*, como define Nye, é uma via de atração de determinado agente, a fim de alcançar seus objetivos, sem a necessidade de ameaças ou recompensas, seja por meio da sua cultura, instituições, produtos, valores, políticas e/ou alinhamento político. Logo, quanto maior a capacidade de determinado estado de expressar seu *Soft Power*, menor é a resistência que este agente tende a encontrar frente aos seus interesses dispostos, o que o isenta de certa forma da necessidade de reproduzir ações de coerção ou estimulação econômica (NYE, 2004).

Também, é relevante entender que o *Soft Power* pretende uma maior flexibilidade de uso do que o *Hard Power*, já que pode ser expresso e usado por diversos canais e níveis, além do nível estado dentro de diferentes análises. É possível observar esta afirmação a partir do parágrafo anterior, quando se destaca, por exemplo, o uso de cultura como um meio de promoção do *Soft Power* de um estado. Um indivíduo, grupo, região, organização ou, até mesmo, estado, são capazes de promover determinada cultura que está relacionada ao estado e gerar, por meio disso, maior atratividade ao país.

Já o mesmo não pode ser afirmado dos meios de expressão para o *Hard Power* de um estado, indivíduos, grupos, regiões, organizações não possuem as mesmas capacidades bélicas e econômicas do seu estado ou pelo menos não o bastante para promover a busca por poder, na mesma constância que se observa dentro do *Soft Power*.

Apesar de serem percebidos como opostos, pela própria tangibilidade que define a capacidade de cada via, o *Soft Power* e o *Hard Power* podem e são observados por suas correlações, tanto de interferência, como no reforço entre si. Isto pode ser aferido a partir da análise de que estados com uma grande capacidade bélica são atrativos a outros estados com um potencial menor, enquanto estados em decadência neste mesmo setor perdem seu poder de atração.

Conforme Nye (2004, p. 25, tradução própria):

Um país que corteja a popularidade pode relutar em exercer seu *Hard Power* quando deveria, mas um país que joga seu peso sem levar em conta os efeitos em seu *Soft Power* pode encontrar outros colocando obstáculos no caminho de seu *Hard Power*. [...] Às vezes, os fracos são atraídos a aderir ao movimento liderado por um país forte, especialmente quando eles têm poucas opções ou quando o grande poder militar do país é acompanhado por um *Soft Power*¹³.

6.2 *Soft Power* e as suas lentes ocidentais

Conforme estabelecido por uma das hipóteses desta pesquisa, o atual entendimento de *Soft Power* está voltado para uma visão ocidental, o que permeia e interpreta relações deste tipo de poder pela atração e interação entre estados ocidentais. Isto não é uma crítica às análises de Nye, apenas reflete que talvez possa ser reinterpretada uma concepção de *Soft Power* que contemple a realidade oriental, especificamente a chinesa.

Quando se observa a conceitualização de *Soft Power*, por Nye (2004), identifica-se uma grande maioria de exemplos voltados para valores democráticos, cultura do consumo, marcas e empresas norte-americanas, cinema de Hollywood, promoção da liberdade individual, propagação do “*american way of life*”, liberdade de imprensa e, até mesmo, situações que possam vir a criar obstáculos para o *Soft Power*, por conta de conflitos e intervenções praticadas pelos Estados Unidos, durante a Segunda Guerra do Golfo.

Isto não significa que alguns desses exemplos e fatores não condizem com a realidade chinesa, ou suas formas de expressar seu próprio *Soft Power*, tem-se, por exemplo, uma crescente nas linhas de consumo de bens e marcas (HO; POH; ZIPSER, 2019) e, até mesmo, a expansão do cinema chinês (HOAD, 2018). Porém, para dar o devido escopo ao *Soft Power* e seu entendimento por vias chinesas, é preciso ter em mente as próprias pontuações que esta pesquisa realizou sobre a China. Trata-se de um país autocrático, em plena ascensão dentro do SI (configurado por uma dominância ocidental) e em que até mesmo seus atores e elites, que podem ser tidos como “não governamentais”, têm laços com o estado chinês.

¹³ “A country that courts popularity may be loath to exercise its hard power when it should, but a country that throws its weight around without regard to the effects on its soft power may find others placing obstacles in the way of its hard power. [...] Sometimes the weak are attracted to jumping on the bandwagon led by a strong country, particularly when they have little choice or when the large country military power is accompanied by soft power”.

7 SOFT POWER CHINÊS E O OBOR

Neste segmento da pesquisa, serão expostos políticas, valores, agendas, ações e asserções que representam, em certa medida, o *Soft Power* chinês, em seus mais diversos níveis. Esta análise proporciona um melhor entendimento das vias por onde é possível dissecar esse poder de atratividade.

Antes de dar continuidade às interpretações de *Soft Power*, é válido destacar que a busca por aumentar a sua capacidade de reproduzir *Soft Power* é reconhecida pelo estado chinês (BISWAS; TORTAJADA, 2018) e tem se transformado em uma prioridade, na medida que se expande o OBOR. Isto pode ser analisado a partir do investimento e criação de “*Think Tanks*” chineses, voltados para estudos nas áreas de relações internacionais, globalização e economia (CHEN, 2015). Esses “*Think Tanks*”, além de proporcionar uma maior pluralidade de pensamento, ao longo do seu desenvolvimento dentro da sociedade chinesa, relatam um provável deslocamento para novas ideias e valores ainda a serem analisados.

7.1 *One Belt One Road* (OBOR)

Não é possível fazer qualquer análise sobre o *Soft Power* chinês, na atualidade, sem mencionar o projeto OBOR. Quando analisado nesta pesquisa, o projeto foi, em grande parte, relacionado e determinado por capacidades materiais, principalmente econômicas, da China, o que de todo modo é relacionado ao *Hard Power* de um estado. Porém, entende-se que a via econômica do *Hard Power* é vista como uma recompensa, em troca de influência por parte de um estado e analisou-se o OBOR como um projeto que pretende sanar necessidades e interesses constatados por todos os estados participantes. Percebe-se, então, que a idealização do projeto é fundamentada em não coagir estados a fazerem parte, mas sim, em expressar a atratividade dos ganhos promovidos pelo OBOR pelos países membros, gerando assim *Soft Power* (LEANDRO, 2018, p. 74).

A afirmação de que o projeto em si é uma expressão de *Soft Power* chinês é então possível e se torna um exemplo interessante. Isso se dá pelo fato de que os casos positivos da presença chinesa em outros estados, como no caso de diversos países africanos, acabam por promover uma quantidade ainda maior do *Soft Power* chinês na região (LEKORWE et al., 2016).

Porém, é preciso lembrar que somente o OBOR não condiz com toda a estrutura de *Soft Power* chinês, ao mesmo tempo que pode ser analisado como uma via de atratividade, também serve como um condutor de outras estratégias, políticas e ações de *Soft Power*, que vão ser analisadas neste setor da pesquisa. Por conta disso, será percebido um retorno constante ao projeto, nas próximas seções deste trabalho.

7.2 Milagre econômico

Um dos principais fatores para a atratividade da China, nos dias atuais, é o milagre econômico chinês (1978). Isso é entendido a partir da capacidade que a China tem demonstrado para reduzir a pobreza em seu território e desenvolver sua economia.

Muito disso pode ser entendido pelas políticas de abertura e expansão econômica que o estado chinês tem desprendido ao longo dos anos. Esta história de sucesso é admirada por países em desenvolvimento, devido à própria associação que muitos destes países fazem entre as suas atuais necessidades e contextos socioeconômicos com o histórico chinês pré-abertura econômica. Esta capacidade e a promoção de políticas econômicas podem ser utilizadas como um exemplo de *Soft Power* chinês, expresso pelo seu estado, como destaca Joseph Nye, em entrevista ao Center for Strategic and International Studies¹⁴.

7.3 Win-Win

A política *Win-Win* apresentada nos discursos de lideranças chinesas (GOH; WOO, 2019), para difundir o projeto OBOR pelo mundo, é vista como parte essencial do entendimento do projeto, já que, como destaca Leandro (2018, p. 342, tradução própria), “o sucesso do OBOR não será avaliado apenas por sua capacidade de acumular riqueza, mas também, por sua capacidade de gerar oportunidades iguais¹⁵”.

O *Win-Win* é característico para a China e pode ser entendido por meio da própria “busca por harmonia”, dentro do tradicionalismo chinês, conforme já abordado

¹⁴ Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=R6nkFbQ_3LY. Acesso em: 17 maio 2021. (min 2:36).

¹⁵ “The overall success of OBOR will be evaluated not only by its ability to garner general wealth, but also by its ability to generate equal opportunities”.

ao longo do trabalho (LEANDRO, 2018, p. 8). Esta “harmonia” é pretendida para que os estados que estão em processo de negociações tenham ganhos. Isso pode ser observado dentro do B&R, a partir dos investimentos em infraestrutura (em grande parte, originário chinês), consequentes da adesão de países ao projeto. Este investimento favorece ao país receptor, mas também, garante os interesses chineses na Rota da Seda.

É possível considerar este posicionamento como uma das vias do *Soft Power* chinês praticado pelo seu estado e instituições, já que, ao mesmo tempo que busca pelos seus interesses, é capaz de proporcionar parcerias, alianças e a aproximação com outros estados, por meio do multilateralismo característico da abordagem.

7.4 Guaxin Xue

É possível ressaltar que a abertura econômica do país leva ao mundo o que pode ser uma das expressões mais tradicionais do *Soft Power* chinês, o modo de negociação chinês o “*Guaxin Xue*”. O processo de negociação chinês é voltado para o nível individual, onde boa parte da aproximação entre administradores, empresas e, até mesmo, autoridades, é construída por meio da confiança (de parte chinesa) no indivíduo com quem negocia (MATTGARD; ASTROM, 2005).

Esse processo de construção de confiança é feito a partir de reuniões, tanto informais, quanto formais, e eventos que fogem do característico cenário ocidental de uma sala de reuniões. Conforme destaca Machado (2013, p. 142), “*Guanxi Xue* é a arte de negociar e criar vínculos pessoais em eventos lúdicos, como banquetes, casas de massagem, karaokês e boliches”.

É possível observar a reprodução desta diplomacia, até mesmo pela própria liderança chinesa em diferentes eventos (THE INDIAN EXPRESS, 2018). Com dado tempo e bom andamento dessas reuniões informais, que a todo momento estão cercadas pela presença chinesa, tem-se o alinhamento de interesses entre as partes. Um aspecto interessante desta situação é que, mesmo com o fim das negociações, a base de confiança criada está ligada ao indivíduo com quem foi negociado e não com a instituição ou empresa. Logo, caso o indivíduo não seja mais o representante de sua parte, o processo de negociação e confiança pode ser perdido, por não ser vinculado à instituição (CAMERON, 2015).

O “*Guanxi Xue*” introduz um pouco da cultura chinesa em espaços de negociação e é percebido como uma relação de hegemonia dos negociadores chineses, já que, em boa parte, o andamento de negociações se torna dependente da percepção e da confiança adquirida pelos pares chineses. Pode ser entendido como uma via do *Soft Power* chinês ligada ao indivíduo e suas relações, que, com o tempo, se tornam atrativas para as partes, mas, devido à sua própria complexidade em termos de construção de associações entre público e privado, características do tradicionalismo chinês, o resultado deste relacionamento estará, de uma forma ou de outra, ligado ao estado chinês.

7.5 *Know-how* ou *created* in China?

Uma das principais contribuições para o expressionismo e, até mesmo, a existência de *Soft Power*, por meio de marcas e empresas chinesas, é a reprodução do *know-how*. O processo de *know-how* chinês é muito similar aos processos de *know-how* coreano e japonês e pode ser entendido a partir da abertura econômica chinesa e das reformas de Deng, onde, por meio do estabelecimento de empresas e fábricas estrangeiras em território chinês, a produção de determinados bens é possível, o que leva ao início do processo de cópias a baixo custo desses bens por empresas e manufaturas nacionais e à popularização do que pode ser entendido como o “*made in China*” (MACHADO, 2013).

Durante o desenvolvimento do “*know-how* chinês”, ao longo dos anos, foi possível observar uma crescente nas indústrias de cópias do país, principalmente voltadas para o setor da tecnologia. Essa prática de cópias efetivamente leva a um maior entendimento e popularização da tecnologia entre os consumidores e produtores e, com o tempo, empresas (com laços ao governo) desenvolvem produtos similares, com suas próprias características e autorias, introduzindo a etapa do “*created in China*” (LIN, 2014). Isso acaba levando ao surgimento de grandes marcas nacionais, que vem tomando rankings mundiais como grandes empresas (GIOVANNINI, 2020).

Porém, como já destacado anteriormente, essa “velha indústria chinesa”, de produção massiva de bens de segunda mão, vem perdendo espaço, tanto para produções mais sofisticadas (por marcas chinesas), como para a “nova indústria” nacional que se estabelece no país. O que vem a transcorrer deste processo é um

dos “carros-fortes” do *Soft Power* chinês, a sua cooperação e transferência de conhecimento e matriz produtiva para outros países, que também ocorre por meio do OBOR, o que tem, em grande parte, sido muito efetivo para a atratividade da China frente a outros estados (YU, 2019).

Conclui-se, que o *Soft Power* chinês, através do seu “*know-how*”, é praticado tanto por meio do consumo e da conceituação de suas marcas e produtos nacionais, por diversos mercados, ao mesmo tempo que a própria prática de transferência de tecnologia e conhecimento para outros estados gera atração e cooperação entre seus pares.

7.6 Confúcio para o mundo

Uma das principais instituições de promoção da cultura chinesa são os “Institutos Confúcio” (SHANGWU; HUAXIN, 2013). Estas organizações são responsáveis por ensinar e promover a língua e a cultura chinesa, estando presentes em mais de 162 países, contando com cerca de 541 institutos (SANDS, 2021).

Este grande investimento em cultura e difusão, por meio do ensino nos diversos níveis, é visto como característica base dos objetivos de expansão do *Soft Power* chinês, onde os investimentos são acompanhados pelo interesse expresso pelo governo chinês em aumentar sua capacidade de reproduzir *Soft Power* (MILLER, 2014).

7.7 Cicatrizes do imperialismo

Um método de aproximação possível de destacar no estado chinês é a sua associação e diálogo com países que, assim como ele, carregam cicatrizes do imperialismo do século XIX (HWANG; BLACK, 2020).

Por conhecer diretamente as consequências da interferência de outros estados em seu território, o que gerou a perda da sua soberania nacional, a China faz uso dessa experiência para condicionar e propagar suas intenções, até mesmo dentro do próprio OBOR, por meio de interações de cooperação não intervencionistas com outros estados.

Este estilo de diplomacia e cooperação ajuda a legitimar suas políticas externas frente ao SI, já que, além de contar com o apoio de países atingidos pelo mesmo

trauma, o estado chinês passa a tomar espaço em regiões esquecidas pelos países mais desenvolvidos (FAIRLESS, 2016). Tais fatores auxiliam no entendimento e na produção de *Soft Power* para a China.

7.8 Comitê de Condução à Civilização Espiritual e a Adaptabilidade

Quando se trata de *Soft Power*, é preciso relacionar a capacidade de determinado estado refletir sua capacidade de atração ou, até mesmo, influência cultural sobre outros. E, recordando a asserção feita nesta pesquisa em relação ao "Comitê de Condução à Civilização Espiritual", criado com o fim de reeducar os velhos hábitos da população chinesa e, até mesmo, de modo mais geral, toda a reestruturação de Pequim para sediar os Jogos Olímpicos de 2008 como uma cidade "do mundo", é possível identificar estes fatores como condutores de *Soft Power* externo para dentro da China.

Porém, como pode ser constatado após os Jogos Olímpicos de 2008, o efeito, que serviria como um provável obstáculo para o *Soft Power* chinês, acaba por fomentar na produção do mesmo. Isto pode ser entendido pela capacidade de adaptação e da figura de "bom anfitrião" que o estado chinês passa a reproduzir, com mais força, durante os Jogos Olímpicos de Pequim (WANG, 2019). Isto, de certo modo, associa o país à tolerância e à adaptabilidade a culturas e contextos externos, o que deve ser analisado como mais uma capacidade de produzir *Soft Power*, já que analisa o estado que gera atração, visando seus próprios interesses.

7.9 Um país, dois sistemas

As regiões administrativas especiais de Hong Kong e Macau são casos que auxiliam na aproximação do estado chinês a países de valores democráticos, contanto que se mantenham autônomas e, conseqüentemente, livres. Estas regiões representam a aptidão chinesa por respeitar e manter a autonomia de outros estados.

No caso específico de Macau, entende-se a Região Administrativa Especial (RAE) como uma porta para o contato e aproximação chinesa com países lusófonos (MACAO TRADE AND INVESTMENT PROMOTION INSTITUTE, 2021). Isso é possível graças às instituições culturais, comerciais e, até mesmo, acadêmicas que

são instaladas no país e contam com o patrocínio e apoio do governo chinês, em diversos setores (MENDES, 2014).

Tratando-se de Hong Kong, é preciso dar mais foco às questões dos direitos humanos e de proteção de liberdades e autonomia do país. Os últimos anos não tem favorecido a imagem do estado chinês, nesta tensa relação, principalmente devido às duras represálias aos protestos que tomaram espaço, principalmente entre jovens e acadêmicos honcongueses (OSNOS, 2019; THE WASHINGTON POST, 2021).

Por fim, a situação, principalmente na região da Grande Baía do Cantão chinês, é complexa, se, por um lado as RAEs de Macau e Hong Kong podem ser entendidas como facilitadoras para diálogos com o ocidente, também servem para evidenciar que enquanto parte do “um país dois sistemas” condiz com valores ocidentais de liberdade e democracia, que, em grande parte, auxiliam na promoção de *Soft Power*, a outra reflete o autoritarismo e a realidade de uma boa parcela do país, podendo ser entendido como uma barreira para sua capacidade de atrair outros.

7.10 5G e tecnologias

A capacidade tecnológica de um país pode ser interpretada como algo material, mas não necessariamente deve ser entendida como uma via de *Hard Power*. Empresas, instituições e estados fazem uso da tecnologia, principalmente para processamento de informações e dados, Este ato, além de ser chave para a segurança nacional, é um dos principais aliados na busca e no desenvolvimento de estratégias comerciais (ARTIOLI, 2020).

Por se tratar das recentes disputas pela expansão do 5G chinês, observa-se a China desenvolvendo suas operações com a tecnologia principalmente em países parte do OBOR (SACKS, 2021), mas também, tendo que enfrentar obstáculos, e até banimentos da tecnologia, em outros países (BBC NEWS, 2019).

Afinal, além da capacidade de processamento aumentada, o 5G é pretendido como o próximo passo para a "Internet das Coisas" e, por conta disso, boa parte da disputa relacionada ao tema está voltada para os “padrões” de futuras tecnologias dependentes da rede, o que economicamente é extremamente atrativo a longo prazo para o vencedor desta disputa, onde, além de desenvolver e propagar suas marcas e produtos aos mercados, garante a dominância de informações sobre os usuários.

O entendimento do que pode vir a suceder das disputas pelo domínio da tecnologia 5G pode ser interpretado tanto como *Hard Power*, como *Soft Power*. Se, de um modo, uma vitória pode significar o aumento no consumo de marcas e tecnologias do vencedor, de outro, também significa o aproveitamento desta tecnologia para obtenção de dados sensíveis aos países expostos a ela.

7.11 Rotas às universidades

Para os fins de transmitir *Soft Power*, uma das melhores táticas que pode ser observada, a partir de um estado referência neste quesito, os Estados Unidos, é a propagação e o estímulo de programas de intercâmbio de grau superior para alunos estrangeiros em seu próprio solo.

O intercâmbio internacional é capaz de promover relações de longa data entre futuros profissionais, colaborações científicas, trocas de experiências e, até mesmo, a apreciação do aluno estrangeiro pelo país anfitrião. Alguns programas específicos, como bolsas de pesquisa diretamente oferecidas pelo governo, tendem a gerar mais *Soft Power*, pois, além de serem mais atrativas aos alunos estrangeiros, seguem determinadas restrições relacionadas às pesquisas, que devem ser alinhadas ao estado anfitrião (RUNDE, 2018).

Estes programas são uma realidade também na China, que tem expandido suas oportunidades de intercâmbio acadêmico, por meio do OBOR, se transformando em um dos principais destinos para estudantes e acadêmicos de países partes do projeto, o que pode ser entendido como outra forma de desenvolver seu *Soft Power*, principalmente com acadêmicos do OBOR (DALEY, 2021).

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo foi formulado a partir de três hipóteses: a) as relações do estado chinês estão voltadas para a linha do Confucionismo, Legalismo e Tradicionalismo e isso reflete no seu *Soft Power*, dentro das suas interações do plano Cinturão e Rota; b) o *Soft Power* chinês é independente da contextualização ocidental; c) a nova Rota da Seda é uma das principais transmissoras do *Soft Power* chinês.

Na primeira etapa desta pesquisa, buscou-se entender o tradicionalismo chinês como um dos principais expoentes de identidade para o povo e o estado chinês, bem

como, sua correlação e a adoção de linhas de pensamento essencialmente chinesas, como o Confucionismo e o Legalismo, a fim de justificar suas relações, abordagens, interesses e objetivos internos e externos. Também, foram abordados e contextualizados alguns fatos e acontecimentos históricos da China Imperial, até o ano de 2012, que levam à construção de uma China moderna e de suas necessidades para formular e desenvolver um projeto com a ambição e grandiosidade do OBOR.

Em seguida, na segunda parte da pesquisa, foram abordados teorias e conceitos das relações internacionais, como a “Teoria da Interdependência”, *Soft Power* e *Hard Power*, com a finalidade de entender o OBOR e sua constituição, tanto interna, quanto externa, além dos interesses e das relações de poder e diplomáticas a serem construídas, a partir do projeto liderado pela China, e sua capacidade de servir aos seus idealizadores como um condutor da sua influência e hegemonia.

Ao final, foram destacadas e analisadas algumas das necessidades chinesas em constituir e promover seu *Soft Power*, assim como, foram apresentadas e analisadas as principais vias, ações, políticas e níveis por onde este é expresso e determinado, a fim de destacar algumas das diferenças, dependências e efeitos do *Soft Power* chinês em relação ao que foi desenvolvido por Nye como *Soft Power*, mas interpretado por meio desta pesquisa como um entendimento essencialmente ocidental. Por fim, esta pesquisa é instigada por diferenciar os entendimentos de *Soft Power* chinês e seus mecanismos frente ao que é interpretado atualmente.

Portanto, este trabalho conclui que, apesar de fazer remontagens e asserções ligadas aos conceitos-base de *Soft Power* estabelecidos por Nye (2004), o *Soft Power* essencialmente chinês, até o presente momento, está em desenvolvimento, ainda que existam exemplos nomeadamente chineses dentro das suas formas de expressão, qualquer correlação com uma teoria das relações internacionais naturalmente chinesa seria impossível, devido a não existência da mesma. O que é possível aferir é onde a atuação da modernidade, economia, tecnologia e desenvolvimento chinês faz ótimas justificativas, pela atratividade e expansão de influência sobre outros estados, o autoritarismo e centralidade do PCC, mesmo que não contestado ou já justificado ao nível interno, leva a fomentação de barreiras para uma maior atratividade chinesa no sistema internacional.

O desdobramento do plano OBOR, somente, não é o suficiente para determinar as consequências ainda a serem enfrentadas pelo expansionismo chinês e, apesar de carregar um discurso de multilateralismo, cooperação e diplomacia de frentes

amplas para sanar diversas necessidades do SI, também carrega, por conta de sua expressividade e origem, os receios que outros estados têm em lidar com o gigante autoritário.

Restam, aos anos e à história futura, definir se o papel chinês na balança de poder mundial estará voltado para a harmonia de suas relações entre estados, predicada pelo Confucionismo, ou para a coerção e censura previstas pelo Legalismo. Porém, é válido lembrar que ambas as vias remontam, no seu culto, à ancestralidade e à hegemonia imperial.

REFERÊNCIAS

ARTIOLI, Marcel. **Por que as tecnologias de 5G estão no centro da disputa?** Observatório Político dos Estados Unidos, Brasília, 12 out. 2020. Disponível em: <https://www.opeu.org.br/2020/10/12/a-disputa-entre-eua-e-china-pela-lideranca-tecnologica-do-5g/>. Acesso em: 18 jun. 2021.

BARTON, Dominic; JIN, Amy. **Mapping China's middle class.** McKinsey & Company, Nova Iorque, 01 jun. 2013. Disponível em: <https://www.mckinsey.com/industries/retail/our-insights/mapping-chinas-middle-class>. Acesso em: 17 jun. 2021.

BBC NEWS. **Huawei:** Which countries are blocking its 5G technology? Londres, 18 maio 2019. Disponível em: <https://www.bbc.com/news/world-48309132>. Acesso em: 06 jun. 2021.

BELT AND ROAD FORUM FOR INTERNATIONAL COOPERATION. **Vision and actions on jointly building Belt and Road.** Xinhua, 10 abr. 2017. Disponível em: <http://2017.beltandroadforum.org/english/n100/2017/0410/c22-45.html#:~:text=The%20Chinese%20government%20has%20drafted,African%20countries%20more%20closely%20and>. Acesso em: 09 jun. 2021.

BELT AND ROAD. **Belt and Road initiative.** 2018. Disponível em: <https://www.beltroad-initiative.com/belt-and-road/>. Acesso em: 10 jun. 2021.

BISWAS, Asit K.; TORTAJADA, Cecilia. **China's soft power is on the rise.** China Daily, Beijing, 23 fev. 2018. Disponível em: <https://www.chinadaily.com.cn/a/201802/23/WS5a8f59a9a3106e7dcc13d7b8.html>. Acesso em: 07 jun. 2021.

CAMERON, David. **David Cameron and Xi Jinping sample the local delicacies at village pub.** The Guardian, Londres, 22 out. 2015. Disponível em: <https://www.theguardian.com/politics/2015/oct/22/david-cameron-xi-jinping-village-pub-drink-pint>. Acesso em: 14 jun. 2021.

CHEN, Dingding. **The rise of China's new soft power.** The Diplomat, Washington, DC, 09 jun. 2015. Disponível em: <https://thediplomat.com/2015/06/the-rise-of-chinas-new-soft-power/>. Acesso em: 04 jun. 2021.

CHINA BEIJING COMMITTEE. **Official Report of the Beijing 2008 Olympic Games.** Beijing, College of Arts & Science of Beijing Union University, 2008. Disponível em: <https://stillmed.olympic.org/Documents/Reports/Official%20Past%20Games%20Reports/Summer/ENG/2008-RO-S-Beijing-vol3.pdf>. Acesso em: 10 jun. 2021.

DALEY, Beth. **How China has been transforming international education to become a leading host of students.** The Conversation, Waltham, 12 maio 2021. Disponível em: <https://theconversation.com/how-china-has-been-transforming-international-education-to-become-a-leading-host-of-students-157241>. Acesso em: 04 jun. 2021.

FAIRLESS, Tom. **In battle with U.S. for global sway, China showers money on Europe's neglected areas**. The Wall Street Journal, Nova Iorque, 13 abr. 2016. Disponível em: <https://www.wsj.com/articles/in-battle-with-u-s-for-global-sway-china-showers-money-on-europes-neglected-areas-11618310350>. Acesso em: 04 jun. 2021.

FAN, Maureen. **China's party leadership declares new priority: 'harmonious society'**. The Washington Post, Washington, DC, 12 out. 2006. Disponível em: <https://www.washingtonpost.com/wp-dyn/content/article/2006/10/11/AR2006101101610.html>. Acesso em: 13 jun. 2021.

GIOVANNINI, Matteo. **Fortune 500 list reflects China's growing influence in business world**. CGTN, Beijing, 13 ago. 2020. Disponível em: <https://news.cgtn.com/news/2020-08-13/Fortune-500-list-reflects-China-s-growing-influence-in-business-world-SV7CZ232HC/index.html>. Acesso em: 02 jun. 2021.

GOH, Brenda; WOO, Ryan. **China President Xi says goal of Belt and Road is advance 'win-win cooperation'**. Reuters, Londres, 25 abr. 2019. Disponível em: <https://www.reuters.com/article/us-china-silkroad-xi-idINKCN1S205Z>. Acesso em: 16 jun. 2021.

HO, Johnny; POH, Felix; ZIPSER, Daniel. **China consumer report 2020: the many faces of the Chinese consumer**. McKinsey & Company, Nova Iorque, 18 dez. 2019. Disponível em: <https://www.mckinsey.com/featured-insights/china/china-consumer-report-2020-the-many-faces-of-the-chinese-consumer>. Acesso em: 17 jun. 2021.

HOAD, Phil. **The Chinese film boom luring Hollywood's stars**. World Economic Forum, Genebra, 13 jul. 2018. Disponível em: <https://www.weforum.org/agenda/2018/07/china-lures-hollywood-stars-as-its-box-office-booms/>. Acesso em: 04 jun. 2021.

HUANG, Yiping. **Understanding China's Belt & Road initiative: motivation, framework and assessment**. Sidney: The Lowy Institute for International Policy, mar. 2017. Disponível em: https://think-asia.org/bitstream/handle/11540/6810/Understanding_Chinas_Belt_and_Road_Initiative_WEB_1.pdf?sequence=1. Acesso em: 10 jun. 2021.

HWANG, Yih-Jye; BLACK, Lindsay. **Victimized state and visionary leader? Questioning China's approach to human security in Africa**. *East Asia*, v. 37, p. 1-19, 2020. Disponível em: <https://link.springer.com/content/pdf/10.1007/s12140-020-09327-w.pdf>. Acesso em: 02 jun. 2021.

INTERNATIONAL INSTITUTE FOR GREEN FINANCE. **Belt and Road initiative quick info**. Beijing, 2015. Disponível em: <https://green-bri.org/belt-and-road-initiative-quick-info/>. Acesso em: 07 jun. 2021.

KEOHANE, Robert; NYE, Joseph. **Power and interdependence**. 2. ed. Nova Iorque: Longman, 1989.

LEANDRO, Francisco José. **Steps of greatness: the geopolitics of OBOR**. Macau: University of Macau, 2018.

LEKORWE, Mogopodi et al. **AD122**: China's growing presence in Africa wins largely positive popular reviews. Afrobarometer, out. 2016. Disponível em: <https://afrobarometer.org/publications/ad122-chinas-growing-presence-africa-wins-largely-positive-popular-reviews>. Acesso em: 16 jun. 2021.

LIN, Fenfang. **From 'Made in China' to 'Created in China'**: the development of a country brand in the international exporting context. 2014. 296 f. Tese (Doutorado em Filosofia) – University of Edinburgh, Edinburgh, 2014. Disponível em: <https://era.ed.ac.uk/handle/1842/21048>. Acesso em: 10 jun. 2021.

MACAO TRADE AND INVESTMENT PROMOTION INSTITUTE. **Relations between Macao and portuguese-speaking countries**. Macau, 2021. Disponível em: <https://www.ipim.gov.mo/en/market-information/portuguese-speaking-countries/the-relationship-between-macao-and-portuguese-speaking-countries/>. Acesso em: 08 jun. 2021.

MACHADO, Rosana Pinheiro. **China**: passado e presente. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 2013.

MAKIN, John H. **Is China slowing down?** American Enterprise Institute, abr. 2013. Disponível em: https://www.aei.org/wp-content/uploads/2012/04/-is-china-slowing-down_170523242145.pdf. Acesso em: 05 jun. 2021.

MATTGARD, David; ASTROM, John. **Business negotiation with the Chinese**. Lulea University of Technology, Suécia, 2005. Disponível em: <http://www.diva-portal.org/smash/get/diva2:1022739/FULLTEXT01.pdf>. Acesso em: 17 jun. 2021.

MENDES, Carmen Amado. Macau in China's relations with the lusophone world. **Revista Brasileira de Política Internacional**, v. 57, n. spe, 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0034-7329201400214>. Acesso em: 10 jun. 2021.

MILLER, Matthew. **China's Xi strikes conciliatory note, broadens diplomatic focus**. Reuters, Londres, 30 nov. 2014. Disponível em: <https://www.reuters.com/article/us-china-southchinasea/chinas-xi-strikes-conciliatory-note-broadens-diplomatic-focus-idUSKCN0JE04J20141130>. Acesso em: 16 jun. 2021.

NYE, Joseph. **Soft power**: the means to success in world politics. 1. ed. Nova Iorque: PublicAffairs, 2004.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A EDUCAÇÃO, A CIÊNCIA E A CULTURA. **Silkroad interactive map**. Londres: Unesco, 2021. Disponível em: <https://en.unesco.org/silkroad/silkroad-interactive-map>. Acesso em: 06 jun. 2021.

OSNOS, Evan. **China's Hong Kong dilemma**. The New Yorker, Nova Iorque, 02 set. 2019. Disponível em: <https://www.newyorker.com/magazine/2019/09/02/chinas-hong-kong-dilemma>. Acesso em: 18 jun. 2021.

PETRELLA, Stephanie. **What is an economic corridor?** Center for Strategic and International Studies, 27 mar. 2018. Disponível em: <https://reconnectingasia.csis.org/analysis/entries/what-economic-corridor/>. Acesso em: 03 jun. 2021.

ROSS, John. **Theoretical bases of China's "win-win" foreign policy concept.** Learning for China, 30 mar. 2015. Disponível em: <https://www.learningfromchina.net/theoretical-bases-of-chinas-win-win-foreign-policy-concept/>. Acesso em: 08 jun. 2021.

RUNDE, Daniel F. **Exercising american soft power through international education exchange.** Center for Strategic and International Studies, Washington, DC, 11 jun. 2018. Disponível em: <https://www.csis.org/events/exercising-american-soft-power-through-international-education-exchange-0>. Acesso em: 07 jun. 2021.

SACKS, David. **China's Huawei is winning the 5G race:** here's what the United States should do to respond. Council on Foreign Relations, Nova Iorque, 29 mar. 2021. Disponível em: <https://www.cfr.org/blog/china-huawei-5g>. Acesso em: 10 jun. 2021.

SANDS, Gary. **Are Confucius Institutes in the US really necessary?** The Diplomat, Washington, DC, 20 fev. 2021. Disponível em: <https://thediplomat.com/2021/02/are-confucius-institutes-in-the-us-really-necessary/#:~:text=The%20Confucius%20Institute%20Headquarters%2C%20or,are%20541%20institutes%20and%20nearly>. Acesso em: 05 jun. 2021.

SHANGWU, Sun; HUANXIN, Zhao; YUE, Tang. **Hanban offers a wider choice.** China Daily for Africa, 13 set. 2013. Disponível em: http://africa.chinadaily.com.cn/weekly/2013-09/13/content_16967993.htm. Acesso em: 11 jun. 2021.

THE INDIAN EXPRESS. **What's cooking:** taking a break from talks, Xi Jinping and Vladimir Putin made Russian pancakes topped with caviar. Nova Delhi, 12 set. 2018. Disponível em: <https://indianexpress.com/article/trending/viral-videos-trending/xi-jinping-vladimir-putin-cook-pancakes-together-in-russia-5351824/>. Acesso em: 01 jun. 2021.

THE WASHINGTON POST. **China's crackdown in Hong Kong has reached a new level of viciousness.** Washington, DC, 17 abr. 2021. Disponível em: https://www.washingtonpost.com/opinions/global-opinions/chinas-crackdown-in-hong-kong-has-reached-a-new-level-of-viciousness/2021/04/16/413301d6-9ecd-11eb-b7a8-014b14aeb9e4_story.html. Acesso em: 13 jun. 2021.

THE WORLD BANK. **Belt and Road economics.** Washington, DC, 2019. Disponível em: <https://openknowledge.worldbank.org/bitstream/handle/10986/31878/9781464813924.pdf>. Acesso em: 03 jun. 2021.

WANG, Sainan. **China's image as perceived by the American public after the 2008 Beijing Olympic Games.** 2009. 83 f. Dissertação (Mestrado em Jornalismo) – Iowa State University, Iowa, 2009. Disponível em: <https://lib.dr.iastate.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=1448&context=etd>. Acesso em: 01 jun. 2021.

WENDE, Marijk van der. **China and Europe on the new silk road:** connecting universities across Eurasia. Reino Unido: Oxford University Press, 2020. Disponível

em:

https://www.google.com.br/books/edition/China_and_Europe_on_the_New_Silk_Road/Z5r9DwAAQBAJ?hl=pt-BR&gbpv=0. Acesso em: 04 jun. 2021.

XUETONG, Yan et al. **Ancient chinese thought, modern chinese power**. Princeton, Nova Jersey: The Princeton University Press, 2011.

YU, Shan Wu. **How technical knowledge flows between China and Africa**: it's complicated. The Africa Portal, 02 set. 2019. Disponível em: <https://www.africaportal.org/features/how-technical-knowledge-flows-between-china-and-africa-its-complicated/>. Acesso em: 06 jun. 2021.

ZENG, Liyu; LUK, Priscilla; YAN, Sun. **China's new economy sectors**: how are they doing? S&P Dow Jones Indices, jan. 2020. Disponível em: <https://www.spglobal.com/spdji/en/documents/research/research-chinas-new-economy-sectors-how-are-they-doing.pdf>. Acesso em: 14 jun. 2021.